

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**Ester da Silva Venâncio Saraiva**

**Documentação Pedagógica: O que as crianças dizem sobre isto?**

**Porto Alegre**

**2012**

**Ester da Silva Venâncio Saraiva**

**Documentação Pedagógica: O que as crianças dizem sobre isto?**

**Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.**

**Orientadora: Dra. Simone Santos de Albuquerque**

**Porto Alegre**

**1. Semestre**

**2012**

*Dedico a minha amada vó Geni, e família Venâncio.*

*Esta conquista é também de vocês!*

*Dedico, também, ao meu lindo Jeziel Vinicius,*

*Por fazer parte da minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

*Ao termino deste trabalho gostaria de agradecer a algumas pessoas especiais que estiveram ao meu lado contribuindo de diferentes formas para a construção deste trabalho...*

*Primeiramente, as crianças participantes desta pesquisa, que me possibilitaram conhecer suas culturas e construir este estudo.*

*A minha orientadora, Simone Albuquerque, pela disponibilidade, escuta sensível e focada.*

*Em especial ao Jeziel Vinicius, um lindo homem que compartilha comigo amor e parcerias que me fazem tão bem.*

*A minha querida vó Geni, por acreditar em mim e incentivar meus estudos.*

*Ao meus amados pais, Alexandre e Eloir pelo imenso amor e oração em todos os momentos.*

*Aos meus irmãos, que considero exemplos de vida, a Berenice pela força e determinação, a Alexandra pela empatia e apoio confortador, ao Thales pela determinação e persistência e a Erika pelo carinho e por estar sempre pronta a ajudar. Saibam que tudo que sou passa por um pouquinho do que vocês me ensinaram a ser.*

*... ao meus sogros Vinicius e a Glória, pelo apoio incondicional .*

*...e as minhas cunhadas Kerin e Samy, aos “agregados”, e as amigas Angélica, Juliana e Achsa pela carinho e amizade.*

*Aos minhas colegas /amigas Patrícia e Nicole que compartilharam comigo os desafios e alegrias destes alguns anos de graduação.*

*Aos colegas da creche da UFRGS, Pelas possibilidades oferecidas de aprendizagens e trocas.*

*A pesquisadora Fernanda Martins Marques, Pela leitura atenta e empréstimo de importantes materiais que tanto me ajudaram nesta escrita.*

*Aos professores da FACED, em especial A professora Leni Dornelles pela amizade e estudos, Clarice Traversine, pelo comprometimento e dedicação, considero ambas como inspiração para um modelo de docência.*

*A todos o meu muito obrigada!!*

*Ó Deus, a ti dou graças e louvor  
Porque me deste sabedoria e força.  
Daniel 2:23*

## RESUMO

Este estudo parte da compreensão de uma criança competente e produtora de cultura, e tem como objetivo central, explicitar o modo como as crianças interpretam e descrevem a documentação pedagógica no contexto de uma instituição pública de Educação Infantil, tendo em vista que as crianças fazem parte do processo de construção da documentação pedagógica. Nesta perspectiva, estudos de Sarmiento (2007; 2009;2010), Corsaro (2009), Azevedo e Oliveira-Formosinho (2008), bem como pesquisas recentes com crianças como Carvalho e Muller (2010) são referenciais importantes que fundamentam este trabalho, bem como Malaguzzi (1999), Fortunati (2009;2012), Moss e Pence (2003), Barbosa e Horn (2008) e, Barbosa e Fernandes (2012) que discutem a documentação pedagógica no contexto da educação infantil. A pesquisa realizada possui caráter qualitativo e a metodologia se constitui de entrevistas semiestruturadas que foram organizadas com diferentes intervenções que facilitaram o acesso às crianças. O estudo aponta para a necessidade de escuta das crianças, bem como de considerá-las sujeitos em todos os processos educativos que envolvem o cotidiano da escola de educação infantil, tornando-as protagonistas dos processos vividos na complexidade das relações no contexto de uma escola que se deseja com e para as crianças.

**Palavras chave:** documentação pedagógica - estudos das infâncias - pesquisa com crianças

## ABSTRACT

This research comprehends a child as a competent being and a cultural maker. It aims to explicit the way that children interpret and describe pedagogical documentation in a public institution of education, taking into account that they are part of the pedagogical documentation construction process. In this perspective, studies of Sarmiento (2007; 2009;2010), Corsaro (2009), Azevedo & Oliveira-Formosinho (2008), and also recent researches on children such as Carvalho & Muller (2010) are very important references that support this assignment, so is Malaguzzi (1999), Fortunati (2009;2012), Dalberg, Moss & Pence (2003), Barbosa & Horn (2008), and Barbosa & Fernandes (2012). They discuss the pedagogical documentation in an early childhood context. This is a qualitative research and semi-structured interviews were carried out, these were organised with different interventions to approach the children. This study focus on the children's needs of being listened, and it also considers them part of all educational processes concerning the daily activities in an early childhood education centre, treating them as the main protagonists of the processes in a complexity of the relationships in a school with, and to children.

**Key words:** pedagogical documentation – childhood studies – research with children

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>UM MAPA PARA INICIAR O PERCURSO .....</b>	<b>08</b>
<b>2.</b>	<b>CAMINHOS DA EXPÊRIENCIA .....</b>	<b>10</b>
<b>3.</b>	<b>A ESCOLHA DO LUGAR.....</b>	<b>13</b>
<b>3.1</b>	<b>DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA E SUAS MÚLTIPLAS FACETAS .....</b>	<b>13</b>
<b>3.1.1</b>	<b>A Documentação Pedagógica em Lóris Malaguzzi.....</b>	<b>14</b>
<b>3.1.2</b>	<b>Mas afinal, o que é Documentação Pedagógica? .....</b>	<b>15</b>
<b>3.2</b>	<b>ESTUDOS DAS INFÂNCIAS .....</b>	<b>18</b>
<b>4.</b>	<b>PESQUISA COM CRIANÇAS: UMA APRENDIZAGEM METODOLÓGICA... .....</b>	<b>20</b>
<b>4.1</b>	<b>CONTEXTOS DE INVESTIGAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E ANÁLISES.....</b>	<b>21</b>
<b>5.</b>	<b>CONHECENDO OUTRAS CULTURAS... .....</b>	<b>27</b>
<b>5.1</b>	<b>A GENTE! COMO AS CRIANÇAS REVELAM A PARTICIPAÇÃO DOS SUJEITOS .....</b>	<b>28</b>
<b>5.2</b>	<b>DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: A PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS .....</b>	<b>30</b>
<b>5.3</b>	<b>COISAS NOVAS: A DOCUMENTAÇÃO COMO UM ESPAÇO POTENTE PARA A APRENDIZAGEM .....</b>	<b>32</b>
<b>6.</b>	<b>CHEGANDO A FRONTEIRA: O QUE LEVO COMIGO? .....</b>	<b>34</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>40</b>
	<b>Anexo A – Termo de Consentimento Informado .....</b>	<b>40</b>
	<b>Anexo B - Termo de Consentimento Informado da Criança.....</b>	<b>41</b>

## 1. UM MAPA PARA INICIAR O PERCURSO<sup>1</sup>...

Por que um mapa para iniciar o percurso? Começos são sempre novos e imprevisíveis, e geralmente evocam inseguranças e dúvidas, mas é preciso aventurar-se. Considero que ao viajar para um lugar desconhecido, dentre tantas opções que podemos realizar, está a de escolher entre um itinerário pronto, que foi pensado por outro, ou optar por “descobrir” de outra maneira este lugar, realizando um roteiro do que mais te evoca a curiosidade.

Geralmente escolho por “descobrir”, organizando um roteiro com o mapa, mas este roteiro não é estático, ele pode ser alterado de acordo com os “encontros” que esta aventura me propõe. Nesse sentido, considero o mapa como um importante instrumento da viagem, pois mapas não nos mostram apenas onde estamos, mas também onde podemos ir. Eles nos apresentam uma visão ampla do lugar, onde também realizamos escolhas de acordo com as nossas “lentes” para então iniciar, voltar ou retomar o percurso.

Neste, texto busco, assim como um mapa, apresentar uma visão ampla e próxima da realidade deste lugar que me propus a investigar. Nesta pesquisa escolhi primeiramente o tema “Documentação Pedagógica na Educação Infantil”, construindo propostas que buscassem investigar a perspectiva das famílias sobre esta temática. No entanto, ao realizar as leituras para a organização teórica, percebi a escassez de pesquisas sobre a documentação na perspectiva das crianças, e, ao mesmo tempo, a potência de se estudar este processo por este outro olhar.

Portanto, este estudo tem como principal objetivo: Explicitar o modo como as crianças *interpretam e descrevem* a Documentação Pedagógica no contexto de uma instituição pública de Educação Infantil. E considera como questão norteadora: Quais as impressões das crianças em relação à documentação no contexto pedagógico?

Para obter os dados desta pesquisa, de cunho qualitativo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, por ser considerada na literatura como um bom formato para ser utilizado com crianças.

---

<sup>1</sup>

Este título foi organizado a partir da leitura de HERNANDEZ (1998).

Apresento, no capítulo, *caminhos da experiência*, assim como o nome já sugere, as experiências que me formaram e me transformaram ao decorrer destes anos de prática e estudos construídos no campo da educação.

No terceiro capítulo, *a escolha do lugar*, apresento as escolhas teóricas como localização desta pesquisa. Na sessão, *a Documentação Pedagógica e suas múltiplas facetas*, busco, a partir de importantes autores ligados a este temática, como Malaguzzi (1999), Fortunati (2009;2012), Barbosa e Horn (2008), Barbosa e Fernandes (2012) e Dalberg, Moss e Pence (2003), discutir o significado deste termo e refletir sobre suas variadas facetas no contexto pedagógico. Logo, na sessão *Estudos da Infância*, busco pensar a infância de uma outra marca, entendendo seu processo sócio histórico de ocultação e a emergência de valorização de estudos com as criança.

A seguir, no quarto capítulo, apresento a *Pesquisa com crianças como uma aprendizagem metodológica*, onde explico a metodologia construída no decorrer deste percurso de estudo e apresentando ainda, os *contextos de investigação, participação e análises*.

No quinto capítulo, apresento os eixos emergentes das análises, que estão organizados em três grupos, com os seguintes enunciados: *A gente! Como a crianças revelam a participação dos sujeitos*, a seguir, *Documentação Pedagógica: a perspectiva das crianças* e no último eixo, encontramos, *Coisas novas: a Documentação como um espaço potente para a aprendizagem*.

E por fim, *chegando a fronteira: o que levo comigo?* Apresento as considerações obtidas a partir do estudo e discuto os possíveis “horizontes” que esta pesquisa/viagem podem nos apontar.

## 2. CAMINHOS DA EXPERIÊNCIA

É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.  
(LARROSA, 2002, p. 26).

Início trazendo esta reflexão de Larrosa (2002), pois considero importante externar os encontros e as experiências que originam e formam este trabalho de conclusão de curso. A seguir apresento algumas relevantes experiências que me aproximaram da documentação pedagógica, dos estudos da infância e da pesquisa com crianças.

Em 2009 tive a oportunidade de conhecer, na Nova Zelândia, um centro de educação Infantil<sup>2</sup>, que tem em sua base os princípios da educação italiana de Reggio Emilia<sup>3</sup>. Logo no hall de entrada pude contemplar uma apresentação da escola, com as turmas e seus projetos com fotos e apresentação dos professores. Já na entrada das salas percebi breves relatos sobre a rotina e projetos que estavam em andamento na turma. Lembro-me que, ao observar estes “detalhes” tive a sensação de já fazer parte daquele local, sensação ainda, de aconchego, pois estes documentos me ajudavam a perceber que espaço era aquele, e quais pessoas faziam parte dele.

No entanto, isso que no primeiro momento denominei de “detalhes”, é a estética do espaço comunicando a experiência, constituindo-se, portanto, como uma faceta da Documentação Pedagógica que está contemplada na filosofia deste centro infantil, onde considera-se que, “[...] a documentação desempenha uma papel crucial no nosso programa, por criar oportunidades de colaboração, consistentemente aprofundando nosso entendimento de todas as crianças e do nosso ambiente, provocando-nos e desafiando-nos ainda mais.” (BRIGHT SPARKS<sup>4</sup>, tradução nossa).

Com o decorrer do tempo – quase três meses - percebi a documentação como parte inerente da rotina do centro, através de mais alguns indícios como, pastas com histórias de aprendizagens das crianças, livro de memórias da turma, registros nas paredes. Notei, ainda, que os educadores

---

<sup>2</sup> Termo no original: CHILDCARE CENTER

<sup>3</sup> No próximo capítulo discorre-se com mais detalhes sobre a experiência da cidade de Reggio Emilia e do expoente nesta organização, Loris Malaguzzi.

<sup>4</sup> Disponível em: < <http://www.brightsparks-childcare.co.nz/philosophy> > Acesso em 01 maio 2012.

possuem momentos reservados na sua carga horária de trabalho semanal para interpretação, seleção e escrita da documentação a fim de torná-la pública à comunidade, e as crianças também participam deste processo de documentação que envolve diferentes recursos e instrumentos.

Uma segunda experiência com a documentação ocorreu no período de estágio de docência na área de Educação Infantil, proposto pelo curso de Pedagogia/UFRGS. Nos estudos de referenciais como Barbosa e Horn (2008) e de Edwards; Gandini; Forman (1999), percebi a documentação como possibilidade de comunicar o trabalho pedagógico. Partindo disso iniciei a organização de um “informativo” da turma, o qual continha as notícias e as propostas vivenciadas que foram “...construídas a partir da observação, dos registros do livro da turma, buscando com o grupo, por meio da contextualização, dar significados coletivos às possibilidades de aprendizagens” (SARAIVA, 2011, p.19).

Após apresentação e aceitação desta proposta pelos professores, tive um grande desafio: organizar as publicações com as crianças e com o coletivo de oito professores desta turma, sendo quatro em cada turno. As crianças, juntamente com a comunidade que envolve os pais, além de outros educadores e trabalhadores da instituição, esboçaram sua satisfação de conhecer e compartilhar nossas experiências. Mas, com o decorrer do tempo, o exercício de escrever de maneira sucinta e clara sobre as experiências da turma, as quais buscavam contemplar a perspectiva dos envolvidos, veio de encontro à escassez de tempo para reflexão, organização e escrita, impossibilitando, assim, a continuidade desta proposta.

Estes encontros levaram-me a alguns outros questionamentos como: Qual é o objetivo da documentação pedagógica? Busca tornar visível o trabalho Pedagógico ou informar? A que sujeitos ela se direciona? Existe diálogo com estes sujeitos participantes? De que forma ela inclui ou não as crianças? Penso que estas experiências tornaram-se significativas, pois possibilitaram sensibilizar meu olhar sobre esta temática, e comecei a perceber a documentação pedagógica como parte importante de um diálogo efetivo com a comunidade – crianças, famílias e educadores.

Além destes encontros, me aproximei dos estudos da Infância como monitora acadêmica<sup>5</sup> da disciplina Infâncias de 0 a 10 anos, que tem como súmula criar “Reflexões teóricas sobre o processo de produção das infâncias e análise dos seus efeitos na educação das crianças.

---

<sup>5</sup> EDU 03050 - Com a orientação da professora Leni Vieira Dornelles, durante dois semestres, nos períodos de: 01/04/2011 a 18/07/2011 e 08/08/2011 a 21/12/2011.

Caracterização de diferentes infâncias em nossa sociedade e seus modos de educação.” (COMGRAD, UFRGS<sup>6</sup>). A partir da problematização da produção das infâncias e discussões sobre as diferentes possibilidades de infâncias, me vi capturada por este novo e intrigante campo, dos Estudos das Infâncias.

Estes caminhos trilhados apresentam-me as crianças como competentes, (MALAGUZZI, 1999) como sujeitos que possuem saberes, conhecimentos, que participam ativamente em seu processo de aprendizagem, (AZEVEDO, 2009) e são capazes de narrar sobre aquilo que lhes acontece em diferentes contextos, inclusive no escolar, como argumenta Fernanda Marques (2011), em sua recente pesquisa. Portanto, é preciso escutá-las.

Neste sentido, a pergunta norteadora que rege esta pesquisa é: Quais as impressões das crianças em relação a documentação no contexto pedagógico? E tem como objetivo explicitar o modo como as crianças interpretam e descrevem a Documentação Pedagógica no contexto de uma instituição pública de Educação Infantil.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/faced/comissoes/comgrad/grade\\_sumula\\_carga.pdf](http://www.ufrgs.br/faced/comissoes/comgrad/grade_sumula_carga.pdf)> Acesso em 15 maio 2012.

### **3. A ESCOLHA DO LUGAR**

O lugar é um ponto de encontro, no sentido de revelar o que já construímos e o que estamos a buscar. Percebo a escolha do lugar como uma potência; no entanto, esta escolha não é neutra, tampouco vazia: escolhemos o lugar pelas experiências vividas, conhecimentos organizados e, concomitantemente, motivados pelas nossas expectativas, objetivos ou até sonhos. Escolhemos um lugar não apenas pelo que ele é, mas pelo que ele representa para nós e pelo que esperamos encontrar.

Como já apresentei, no capítulo anterior, as experiências que me ajudaram a construir este trabalho de conclusão, busco, neste capítulo, explicitar o sentido das escolhas teóricas, através de estudos e pesquisas atuais.

Considero ainda, que escolher o referencial teórico e metodológico desta pesquisa constitui-se como um desafio. Possivelmente por perceber que fazer pesquisa com as crianças requer olhar por uma lente diferente da nossa, adultizada; requer, ainda, reconhecer que não se persegue verdades, mas perceber o que este espaço e as crianças nos apresentam.

#### **3.1 A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA E SUAS MÚLTIPLAS FACETAS**

Atualmente, são atribuídos diferentes, e muitas vezes distantes sentidos para a documentação. De acordo com o dicionário Houaiss (2001), documentação é “(...) ato, processo ou afeito de documentar. Reunião de documentos com o propósito de esclarecer ou provar alguma coisa”. Autores como Malaguzzi (1999), Fortunati, (2009; 2012), Marques (2010; 2011), Dalberg, Moss e Pence (2003) e Barbosa (2008; 2012) têm contribuído amplamente com reflexões sobre esta temática da documentação no contexto da educação infantil.

Considero que Documentação Pedagógica pode evidenciar diferentes conceitos e assumir variadas modalidades e linguagens que estão relacionadas intrinsecamente aos seus objetivos e interlocutores (MARQUES; ALMEIDA, 2011). A seguir, procuro destacar a multiplicidade de modalidades que envolve este processo e organizar de forma sucinta a historicidade deste termo.

### **3.1.1 A Documentação Pedagógica em Lóris Malaguzzi**

A ideia de documentação pedagógica no campo da educação Infantil, ganha força na década de 90, quando começa a ser difundida em diversas partes do mundo - incluindo o Brasil- (MARQUES, 2010) a experiência italiana desenvolvida na cidade de Reggio Emília com crianças pequenas. Esta experiência foi organizada a partir da “teoria das cem linguagens” elaborada por Lóris Malaguzzi (1920-1994), e tornou-se conhecida e valorizada pela excelência na qualidade das experiências proporcionadas à criança pequena, tornando-se referência em âmbito internacional.

Malaguzzi organizou junto à comunidade uma prática inovadora na educação da primeira infância, apresentando a imagem de uma criança “competente” (MALAGUZZI, 1999), considerando que as crianças têm muito a dizer. Portanto é preciso escutar, observar e acompanhar estes sujeitos, valorizando, ainda, a importância do protagonismo das crianças, educadores e família em uma aliança que busque o sucesso (MALAGUZZI, 1999) O autor apresenta o seguinte argumento sobre a escola:

Pensamos em uma escola para crianças pequenas como um organismo vivo integral, como um local de vidas e relacionamentos compartilhados entre muitos adultos e muitas crianças. Pensamos na escola como uma espécie de construção em contínuo ajuste [...] (MALAGUZZI, 1999, p. 72)

A documentação, a partir desta concepção, considera a relevância do relacionamento destes diferentes sujeitos na construção do conhecimento, comunicando e documentando as experiências das crianças e organizando um fluxo de informações de qualidade, a serviço da tríade crianças, educadores e famílias (MALAGUZZI, 1999). Os autores Edward, Gandini e Forman (1999), ao discorrerem sobre a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância, consideram que a documentação possibilita:

1) Tornar visível, para os pais e para a comunidade, as aprendizagens compartilhadas, acreditando que a documentação “apresenta aos pais uma qualidade de conhecimento que muda tangivelmente suas expectativas” e, ainda, “... propiciam uma visão nova e mais crítica com toda a experiência escolar (MALAGUZZI, 1999, p.80);

2) Permitir às crianças revisitar suas experiências, através da construção da memória;

3) Assegurar que os educadores se constituam pesquisadores de suas práticas, considerando, assim como Edwards (1999, p. 164), que, “A documentação sistemática permite que cada professor se torne um produtor de pesquisas, isto é, alguém que gera novas ideias sobre o currículo e sobre a aprendizagem, em vez de ser meramente um “ consumidor da certeza e da tradição”.

### **3.1.2 Mas afinal, o que é Documentação Pedagógica?**

Podemos perceber no século XX, na experiência de Celestin Freinet (1896-1966), importante pedagogo francês, que a prática da documentação foi concebida e praticada como um importante marco na sua pedagogia. - possivelmente não nos termos que utilizamos atualmente, mas percebemos a intencionalidade através de propostas, como, a construção do jornal produzido pelos alunos, Ficheiros Escolares e Biblioteca de Trabalho, utilizados como material de consulta na sala, o Livro da Vida - que continha narrativas de sentimentos ou pensamentos de formas variadas, experiências das crianças – e ainda, Planos de trabalho e a Agenda diária. Estes instrumentos priorizam a comunicação, sistematização de informações e conhecimentos, produção de memória e a organização da vida do grupo, que são algumas das modalidades da documentação no contexto pedagógico, além de permitir à criança e ao educador, elaborar uma memória de experiências, incentivando a reflexão em pares.

Esta historicidade nos permite pensar que embora pareça recente o discurso sobre a relevância da Documentação no contexto da escola, esta temática não se caracteriza como inovação no campo pedagógico (MARQUES; ALMEIDA, 2011), já que encontramos ainda em Freinet (1969), formulações desta prática. Como já sugeri, parece que a documentação pedagógica ganha força a partir do conhecimento da experiência italiana, na década de 90, mas ela se consolida na Educação Infantil do Brasil com influência, também, de outras vertentes como as publicações de Madalena Freire (1996) e também em documentos oficiais como os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil (BRASIL, MEC, 1996) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009).

Em 1996, Madalena Freire publica o importante escrito *Observação, registro e reflexão*,

onde discorre sobre a relevância do registro como parte fundamental do trabalho docente, evidenciando também a observação e a reflexão como elementos que se complementam e integram o planejamento. Madalena apresenta o “termo registro de práticas” (1996), que se caracteriza pela ideia central da ação de escrever através da observação e da reflexão sobre a prática pedagógica. Esta ideia de registro está ligada ao fazer docente e, como forma de subsidiar a formação do educador, Marques e Almeida (2011) consideram que o registro, ao qual Madalena Freire se refere, aproxima-se da auto avaliação do educador e de sua prática.

É interessante observar nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, MEC, 2009) na Resolução N<sup>o</sup>5 de 17 de dezembro de 2009, que enfatiza o acompanhamento do trabalho pedagógico e a avaliação do desenvolvimento das crianças, a fim de garantir: “a observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano”; e a “ utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.)”; e ainda a – “documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil” (Art. 10, p. 4-5). Parece que os enunciados observação, registro e documentação, nos documentos oficiais, indicam formas de organização diferentes, mas não necessariamente contraditórias.

Para Lella Gandini (GANDINI; GOLDBERGER, 2002, p.151), a documentação é:

“um processo cooperativo que ajuda os professores a escutar e observar as crianças com quem trabalham, possibilitando, assim, a construção de experiências significativas com elas. A documentação interpretada e reinterpretada junto com outros educadores e crianças, oferece a opção de esboçar roteiros de ação que não são construídos arbitrariamente, mas que respeitam e levam em consideração todas as pessoas envolvidas.”

Na construção de uma documentação que busque respeitar e levar em conta as pessoas envolvidas, temos que atentar para a escolha das ferramentas/instrumentos de documentação. Dalberg, Moss e Pence (2003), fazem referência a diversas modalidades na produção da documentação e às diferentes formas que podemos organizá-la, como “observações manuscritas sobre as propostas, as falas das crianças, registros em áudio e vídeo, fotografias, produtos de trabalhos individuais e em grupos “a fim de tornar o trabalho pedagógico concreto, visível e

audível ” (DALBERG, MOSS e PENCE, 2003). Podemos ainda combinar ferramentas, como o uso do gravador e do bloco de anotação, buscando meios que melhor expressem nossos objetivos. Reafirmo que estas escolhas devem ser realizadas com atenção, pois cada opção de ferramenta de documentação “ é de alguma maneira tendenciosa, tem seus próprios potenciais e limitações” (GANDINI; GOLDBERGER, 2002, p.153).

No entanto, Barbosa e Fernandes nos alertam que as formas de documentar as experiências na escola infantil, “implicam uma concepção de planejamento, avaliação e currículo diferente do que tradicionalmente os discursos pedagógicos enunciam” (BARBOSA; FERNANDES, p.10, 2012). E ainda, “somente a partir de uma imagem de criança rica e competente, vista como um sujeito que tem direito de participação, e não apenas necessidades, é possível produzir outros sentidos para a construção de um currículo emergente” (BARBOSA; FERNANDES, p.9, 2012).

A partir destes apontamentos, é importante ressaltar que, a documentação pedagógica precisa ser pensada, construída e praticada com uma visão de infância e concepção de currículo que estão inevitavelmente implicados/próximos às crianças. Buscando ainda, construir o “propósito do planejamento e da documentação das experiências no contexto educacional, que renuncia aos atributos do absolutismo e da neutralidade para assumir os de **historicidade** e de **construtividade**” (grifo nosso, FORTUNATI, 2009, p.83). Percebendo ainda, a documentação não como um fim (FORTUNATI, 2009), mas como um “instrumento vital para a criação de uma prática reflexiva e democrática” (DALBERG, MOSS e PENCE, 2003, p.191), “no qual educadores, crianças e famílias estão inevitavelmente implicados” (BARBOSA; FERNANDES, p.11, 2012).

Consequentemente, uma visão de infância coerente com esta concepção de documentação pedagógica pode ser encontrada em autores como, Sarmiento, Corsaro e Redim, cujas ideias serão abordadas no próximo tópico.

## 3.2 ESTUDOS DAS INFÂNCIAS<sup>7</sup>

Pensar a infância desta outra marca ou, melhor, a partir do que ela tem e não do que lhe falta: como presença e não como ausência; como afirmação e não como negação, como força e não como incapacidade. (Kohan, p.41, 2009).

Kohan nos instiga a pensar a infância a partir de uma “outra marca”, onde buscamos perceber esta palavra para além de sua etimologia latina, de falta, ausência, incapacidade, ou ainda, como marginais da ordem social (KOHAN, 2009). O campo de estudos da Infância também busca perceber a infância a partir de outros olhares, como o da sociologia, da história, da psicologia, da antropologia, etc., “tomando por foco a infância como categoria social do tipo geracional” (SARMENTO, p.9, 2009).

Sarmento, considerado importante pesquisador deste campo, explica que durante um longo período da história a infância sofreu um “processo de ocultação” (2007), ou como apresenta Aries (1973), a maior parte da história medieval e moderna foi permeada pela ausência da consciência da ideia da infância. Sarmento (2007) afirma que este movimento foi produzido e sustentado predominantemente a partir de uma “perspectiva adultocentrada<sup>8</sup>”, onde as crianças são percebidas como seres humanos incompletos, que, portanto teria sentido estudar apenas por esta falta e imperfeição.

Além desta perspectiva adultocentrada da criança como um ser em devir, considero que outros movimentos de produção e sustentação contribuíram para a marginalização da infância. Sarmento (2007) apresenta três diferentes (in)visibilidades que permearam/permeiam a infância, como a (in)visibilidade histórica, tendo a ausência física da imagem infantil no passado, a segunda, (in)visibilidade cívica, levantando a discussão da cidadania da infância com um balanço entre proteção e participação. E apresenta a última (in)visibilidade como científica, onde traz importantes argumentos sobre o predomínio da “concepção psicologizada” onde se apresenta o sujeito infantil, a criança, com uma incompletude e imperfeição, buscando recorrentemente analisá-las, classificá-las como seres

---

<sup>7</sup> Infâncias no sentido de múltiplas, pois é necessário considerar a existência de diferentes infâncias, assim como Dornelles apresenta (2005; 2007).

<sup>8</sup> Termo cunhado por Sarmento (2007).

biopsicológicos, “[...] mas ignoradas como autores sociais, portadores e produtores de cultura” (SARMENTO, 2009, p. 7)

A sociologia da Infância tem contribuído amplamente com estudos que concebem as crianças como atores sociais, “que apreendem criativamente informações do mundo adulto para produzir suas culturas próprias e singulares” (CORSARO, 2009, p.31-32). Considero, assim como William Corsaro, que “as crianças são circunscritas pela reprodução cultural. Isto é, crianças e suas infâncias são afetadas pelas sociedades e culturas das quais são membros. (CORSARO,2009, p. 31).

Após acessar recentes pesquisas que tomam a documentação pedagógica como cerne do estudo, analiso que esta temática tem sido contemplada, geralmente, sob o enfoque da formação de professores (MENDONÇA, 2009; BARACHO, 2012). E também na proximidade de formação, como possibilidade de construção da professoralidade (AZEVEDO,2009), ou, ainda, tendo como objetivo analisar a documentação como elemento constitutivo do projeto político pedagógico em ação (MARQUES, 2010). No entanto, até o presente momento, não localizei pesquisas, em nível nacional, que contemplem a perspectiva das crianças sobre a documentação. Considero, assim como Marita Martins Redim, que:

Considerar as crianças como um grupo social, que participa da cultura de forma ativa, produzindo mudanças culturais, não é tão simples assim e significa uma mudança de paradigmas em relação a participação das crianças na sociedade. Elas deixam de ser números para estatísticas e assumem um lugar ativo, onde tanto influenciam as formas de viver dos grupos sociais, como são influenciadas por eles. (REDIN, 2009, p.119)

Considerando o cenário atual apresentado da infância, somando-se a necessidade de reconhecer a criança como sujeito social e histórico e ainda a voga do conceito de documentação pedagógica no trabalho da educação infantil no Brasil e em vários outros países, parece ser relevante a escolha de um estudo que busque evidenciar o olhar das crianças sobre a documentação pedagógica.

#### 4. PESQUISA COM CRIANÇAS: UMA APRENDIZAGEM METODOLÓGICA

Colocar a criança como a cerne de um estudo significa buscar subverter um lugar de invisibilidade que lhes foi conferido ao longo da história, reconhecendo-as como pessoas de direito próprio, conhecedoras do mundo que as cerca e capazes de criar relações. (RAMOS, 2011, p.28)

Início este capítulo com a escrita da Anne Carolina Ramos (2011), por considerar que esta reflexão compartilha com harmonia do desafio de buscar uma efetiva escuta da voz das crianças e de se pensar a documentação de um outro lugar e talvez, de outras formas.

A presença das crianças nas pesquisas não é recente, o que talvez seja recente é a discussão sobre a prática de pesquisa “com as crianças” e não “sobre as crianças”. Pois “ainda persiste a confluência de pesquisa feita *sobre* as crianças não *com* elas” (grifo do autor, CARVALHO; MULLER, 2010, p. 67) . Penso que o desafio da pesquisa com crianças se constitui, pois os aspectos metodológicos representam novidade. Nesse sentido, as abordagens metodológicas nas pesquisas sobre a infância exigem atentas discussões.

Portanto, esta pesquisa inscreve-se numa abordagem qualitativa, que busca entender as “representações, conhecimentos, práticas, comportamentos e atitudes” (DESLANDES, 2008, p, 48) em uma realidade específica. Neste caso, a realidade partilhada por crianças na modalidade da educação infantil, sobre a documentação pedagógica no contexto escolar. É importante ressaltar que a organização deste trabalho ocorreu durante um semestre letivo, sendo necessário efetivar uma delimitação teórico-metodológica que pudesse dar conta dos objetivos propostos dentro deste curto espaço de tempo.

Desta forma, após acessar importantes literaturas de pesquisas com crianças (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2008; LEITE, 2008), este estudo optou pela estratégia da entrevista semiestruturada, que foi organizada com diferentes dispositivos<sup>9</sup> que facilitam o acesso à informação, levando em conta os sujeitos, neste caso as crianças, e o contexto em que elas estão circunscritas. Acredito, também, que a entrevista é uma das formas de

---

<sup>9</sup> Na próxima sessão serão apresentados com maior clareza.

“legitimar e garantir” o direito da criança de ser escutada (AZEVEDO; OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2008).

#### 4.1 CONTEXTOS DE INVESTIGAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E ANÁLISE

A pesquisa foi realizada em uma escola de Educação Infantil que faz parte da rede pública e está localizada na região central de Porto Alegre. Importante destacar que a sua Proposta Pedagógica<sup>10</sup> valoriza a prática de diálogo com a família e percebe o registro como elemento importante no fazer pedagógico, refletindo sobre a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Sendo realizado com uma turma com dez crianças, que têm idades entre quatro e cinco anos, onde a maioria têm mais de dois anos de vivência nesta perspectiva de educação para infância.

Com o propósito de apresentar a proposta de pesquisa referida escola, no primeiro momento, foram realizados encontros com a direção, coordenação pedagógica e professores. Percebo que “ (...) a forma *como nos apresentamos às crianças* acentua ou diminui as tensões de poder. Como autores sociais que somos, a cada encontro com o outro, representamos um papel social diferenciado.” (grifo do autor, LEITE, 2008, p.126). Por partilhar um outro<sup>11</sup> “papel social” neste contexto, e por conceber como relevante conhecer estes meninos e meninas, assim como a realidade escolar que partilham, foram realizados, alguns encontros de aproximação com o grupo de crianças. Nestes encontros, busquei participar dos diferentes momentos que compõem a rotina do grupo, brincando e estando junto às crianças no pátio nos horários livres, tendo como fim, também demarcar o outro “papel social”, que estava desempenhando, o de pesquisadora. Considero que, estes encontros foram de extrema importância para a organização de procedimentos e instrumentos da pesquisa, bem como de imersão e convívio com o grupo de crianças.

Com o objetivo de estabelecer um procedimento ético no processo de pesquisa, os pais ou responsáveis legais pelas crianças assinaram o Termo de Consentimento Informado

---

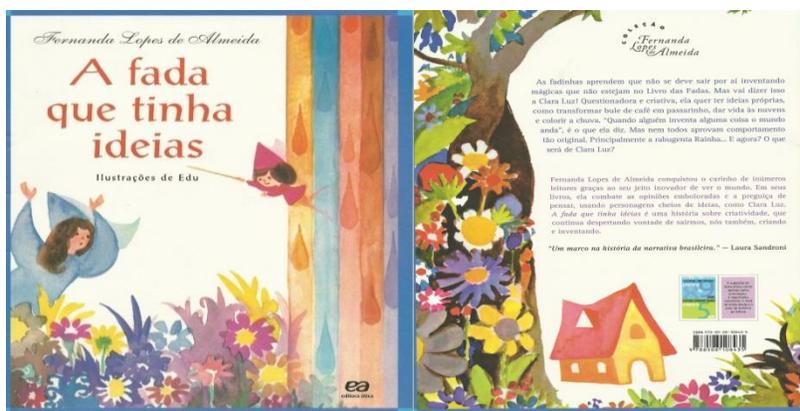
<sup>10</sup> Que está disponível na forma impressa na instituição.

<sup>11</sup> Sou também, professora de outra turma desta mesma instituição.

(Anexo A), no entanto um termo não retornou dentro do prazo proposto e iniciamos a pesquisa com nove crianças. Considerando, ainda, a importância de valorizar o “querer” da criança, através da sua autorização, Maria Leite (2008) apresenta que, “centrar-se no querer da criança por si só, já marca uma mudança nas relações social e culturalmente estabelecidas entre adulto-criança na contemporaneidade” (p.123). Partindo desta premissa, foi realizado um encontro para apresentar a pesquisa às crianças, e questioná-las do seu interesse em participar e “assinar” o Termo de Consentimento Informado da Criança<sup>12</sup> (Anexo B), que foi organizado com linguagem próxima da faixa etária.

Foram realizadas entrevistas com 9 crianças, sendo 5 meninas e 4 meninos. Estas entrevistas foram organizadas em três grupos de crianças, onde foram planejadas duas sessões de atividades, é interessante frisar ainda, que buscou-se manter a mesma composição dos grupos nas duas sessões.

A primeira intervenção, partiu da adaptação<sup>13</sup> de uma das histórias do livro infantil “A fada que tinha ideias”, (ALMEIDA, 2007). A escolha desta história em especial, esta ancorada nas possibilidades que este livro apresenta, de explorar e descrever o pensamento ou as “ideias”, que nem sempre convergem com as ideias da maioria de pessoas. No entanto Clara Luz defende que, “quando alguém inventa alguma coisa o mundo anda” (ALMEIDA, 2007, p.7).



Capa Livro: A Fada que tinha ideias

Contra-Capa Livro: A Fada que tinha idéias

<sup>12</sup> Organizado a partir do “Termo de Consentimento Informado para Crianças” elaborado por Anne Carolina Ramos.

<sup>13</sup> Escolho uma adaptação, por considerar a extensão do livro e o tempo resumido das interações.

Depois das crianças explorarem a história, de suas maneiras, seja lembrando os fatos marcantes, ou ainda recontando com sua linearidade. Apresento fotos de documentações da turma, coletadas no período de aproximação, o livro de pesquisa das frutas e os vegetais - que está sendo construído na turma com as professoras e as famílias -, e convido elas comentarem/ refletirem - assim como a personagem apresentada - sobre as suas ideias, que serão gravadas e também escritas no caderno de ideias, que é um caderno de campo que utilizo como uma extensão da memória, anotando pontos, detalhes importantes das entrevistas.

Para a entrevista da primeira sessão, programamos um roteiro inicial, tendo como objetivo abordar aspectos como: concepção e participação. A seguir o roteiro:

Vocês sabiam que a fada Clara Luz, não entende muita coisa aqui da terra, porque ela vive no céu, na Via Láctea. E se a fadinha Clara Luz, descesse aqui na terra, como tu vai explicar isso... Só não esquece que ela não conhece bem as coisas aqui da terra, então temos que explicar direitinho. 1. O que é isto? (se referindo fotos de documentação, registrada no período de aproximação/ livro de frutas e verduras) 2. Quem gosta de ver isso? 3. Quem faz isso?

Nestes procedimentos de levantamento de dados, utilizei diferentes dispositivos materiais de aproximação, como a contação de história e a organização de um personagem imaginário, como estratégia na busca de diminuir a “distância entre adulto-criança” que Leite (2008) considera. Penso ser relevante assinalar, ainda, que ao longo do processo, e como possibilidade deste formato, de entrevista semiestruturada, foram excluídas questões, incluídas outras perguntas, buscando perseguir os objetivos traçados.

Buscando organizar um ambiente receptivo para a entrevista, os primeiros encontros foram organizados em um ambiente diferente da sala da turma, na Ludoteca, considerando a disponibilidades dos espaços e partindo do princípio que as crianças já frequentam este lugar, portanto não é totalmente novo. Mas devido a problemas de sons deste ambiente, foi necessário reorganizar a entrevista na sala da turma. Neste ambiente percebi que, as crianças demonstraram ficar mais “à-vontades” para expressarem suas ideias, e apresentaram um interesse maior na conversa, ao contrário do outro ambiente que parecia que tudo era novo e as convidava-as para o

conhecerem. Ao decorrer destes encontros, notei que o espaço físico, onde ocorre a pesquisa, constitui-se como um importante marco de localização, conforto e acolhimento para as crianças.

A segunda atividade, partiu da apresentação de um vídeo, das crianças envolvidas em uma produção artística, que foi organizado e apresentado ao grupo pela professora estagiária no período da manhã. Este artefato foi escolhido para a pesquisa, pois busca discutir com as crianças a construção artística, analisando o produto e o percurso. E estava amparado de intencionalidade, pois percebi que a professora organizou o ambiente e o momento para esta prática de reflexão sobre a aprendizagem.

Após apresentar o vídeo novamente, para a mesma composição de grupo de crianças da primeira atividade, foi realizado o roteiro de entrevista, que toma como inspiração a pesquisa de Azevedo e Oliveira-Formosinho (2008), que propõe investigar o que as crianças pensam acerca do portfólio de avaliação de suas aprendizagens, a seguir as questões:

1. O que é isto? (se referindo ao vídeo)
2. Gostas de ver os vídeos em que você aparece? Porquê ?
3. Quem escolhe os trabalhos para serem expostos/colocados na parede?
4. Tu e teus amigos conversam sobre o livro de frutas e verduras ou sobre o vídeo?
5. Teus pais já viram os cartazes? O que eles dizem?
6. Para que serve o livro de frutas e vegetais/ vídeo/ cartazes?
7. O que aprendes com este vídeo?

Vale ressaltar, que ocorreram alguns “dilemas” nas entrevistas, como por exemplo este a seguir, em que as crianças, através de um jogo/brincadeira, começaram a se expressarem oralmente como “bebês”. Logo percebi a dificuldade que isto estava causando, em termos de clareza para compreensão e para a gravação, então me encontrei em um grande dilema: o que fazer frente a isso? Como não nos deixar levar pela marca da “pedagogização” (REDIM, 2009), ou da perspectiva adultrocentrada (SARMENTO, 2007), que com frequência busca dominar os espaços infantis? Foi necessário relembrar os estudos feitos sobre pesquisa com crianças, as

relações entre os sujeitos e o pesquisador, frente a tentação de sucumbir a um papel que pode ser diferente do proposto, de pesquisadora. Como diz Redim (2009, p. 117), “como educadores, buscamos uma ordem, uma disciplina, e por isso não conseguimos conviver com a não-linearidade, ou com a multiplicidade de significados que as crianças atribuem ao seu entorno”. Portanto decidi utilizar o recurso da história que já estávamos envolvidos para buscar resolver esta questão. Argumentei que a fada Clara Luz não estava entendendo o que eles estavam falando, e que teriam que falar mais claro. Mas para minha surpresa, recebo a resposta:

Criança G<sup>14</sup>: “Ela intendi simm... Puque ela é fada!!”

A criança demonstra estar envolvida na brincadeira, mas também nas questões apresentadas, pois como proposto no roteiro inicial, a fala iria se direcionar para a fada, logo esta brincadeira de “bebês” cabe neste espaço, porque fada entende tudo. Neste sentido, “aproximar-se do universo infantil requer um olhar de revelação que precisa estar aberto à novidade, para os acontecimentos inusitados, que só se torna possível sem as amarras determinadas por saberes e verdades previsíveis” (REDIM, 2009, p.118).

As entrevistas das crianças, foram gravadas e logo, transcritas para um arquivo digital, possibilitando assim a triangulação destes dados com os dados do caderno de campo. Considero o processo de triangulação como um importante parceiro no processo investigativo, pois busca ver os dados de diferentes pontos de vista, e ainda, possibilita o aumento da credibilidade nas interpretações (AZEVEDO, 2009).

No processo de análise, os dados foram no primeiro momento, lidos e analisados individualmente e a seguir organizados, partindo das interpretações, em eixos emergentes. Percebo assim com Azevedo, que “analisar dados qualitativos pressupõe examinar sistematicamente um conjunto de elementos informativos para delimitar as partes e descobrir as relações entre elas e as relações com o todo” (2009, p. 104). Portanto na leitura dos dados constantemente, me propunha a questão: “isso me leva pensar que...” buscando evocar as reflexões teóricas estudadas, as informações dos dados, os objetivos da pesquisa, de forma a dar sentido na organização dos eixos.

---

<sup>14</sup> Por questões éticas, optou-se não identificar as crianças, usando assim apenas a letra inicial, quando necessário.

Buscando tornar mais perceptível os eixos emergentes das análises, organizei a partir das continuidades e discontinuidades destas interpretações, três grandes grupos, que serão apresentados e problematizados no capítulo a seguir.

## 5. CONHECENDO OUTRAS CULTURAS

[...] a estrangeiridade pode também estar no início do pensamento.

Aprender é traduzir. Traduzir é inventar. Inventar é inventar-se.

Inventar-se é escutar o que não se escuta, pensar o que não se  
pensa, viver o que não se vive.

A infância fala uma língua que não se escuta.

A infância pronuncia uma palavra que não se entende.

A infância pensa um pensamento que não se pensa.

Dar espaço a essa língua, aprender essa palavra, atender esse  
pensamento pode ser uma oportunidade não apenas de dar espaço  
digno, primordial e apaixonado a essa palavra infantil, mas também  
de educarmo-nos a nós mesmos (...) Essa parece ser uma das forças  
da infância: a de uma nova língua, de um novo, outro lugar para ser  
e para pensar, para nós e para os outros.

(KOHAN, 2009, p.59).

Logo no início deste trabalho diversas questões despontaram em minha mente como, de que forma aparece a documentação? Como processo ou como produto? Se como processo, este processo ocorre com quais sujeitos? Ou ainda, se consideramos como produtos, são produzidos para quais sujeitos? No entanto, após me encontrar e ser provocada pela reflexão de Kohan (2008), que escolhi/preferi organizar no formato de poema pois expressa a valoriza melhor esta atenta e sensível escrita da infância.

Busco analisar os dados gerados nesta pesquisa, através de atos interpretativos que valorizem esta força da infância, não buscando mais respostas, mas reconhecendo-me como estrangeira nesta cultura.

Ainda assim, percebo que, pensar um pensamento diferente exige importantes exercícios, portanto ao decorrer destes eixos de análises, procuro oportunizar a construção de um espaço para a “palavra infantil”, mas também um espaço de “educarmo-nos a nós mesmo” para isso.

## 5.1 A GENTE! COMO AS CRIANÇAS REVELAM A PARTICIPAÇÃO DOS SUJEITOS

O primeiro eixo temático que este estudo apresenta, busca problematizar a partir do pensamento das crianças, a participação dos diferentes sujeitos envolvidos na documentação. Este objetivo é contemplado na entrevista através de três principais questões, no entanto, emerge também em outros variados momentos da conversa.

Seja com relação ao processo ou ao produto as crianças demonstram valorizar a importância de se olharem de um outro lugar, apresentando ainda que gostam de se encontrarem naquele espaço, naquela construção. Nota-se em diferentes momentos, falas como: *“eu não fiz este”*, *“o cartaz é legal porque aparece todo mundo”* ou ainda, apresentando sua insatisfação na construção como, *“não gostei porque não me apareceu”*. Percebe-se nessas articulações que as crianças revelam a existência de uma “relação identitária” entre o sujeito criança e a documentação, que conforme Azevedo e Oliveira-Formosinho (2008, p. 128) isso se concretiza, porque a documentação “espelha as suas vivências, as suas experiências e as suas realizações mais importantes”.

No entanto, quando proposta a questão: Tu e os teus amigos conversam sobre o vídeo ou sobre os cartazes? As crianças em sua maioria afirmaram que, *“não”*, *“comigo eles não falam”* com exceção da seguinte fala: *“aham...”*, e prossegui *“mas é para todo mundo... ficar sentado a gente mostra”*. Percebe-se através desta fala que a criança reconhece no momento de construção do livro da turma, realizado com a família e apresentado para os colegas, como efetivação da existência deste diálogo em pares.

Em relação a realização da documentação e a participação na escolha da exposição dos trabalhos, foram percebidas que algumas crianças assinalam que quem realizou esta escolha *“é as profs”*, mas também percebe-se argumentos que contemplam a autoria desta escolha centrada nas crianças - os sujeitos infantis, como é apresentado no quadro a seguir:

<p>Pesquisadora: (...) quem é que escolhe os trabalhos que vai para a parede, que nem aquele trabalho da higiene, da pitangueira, quem é que escolheu eles? (...)</p> <p>F: a gente...</p> <p>P: a gente quem?</p> <p>F: as crianças.</p>
---

A criança L, revela que, (...) *Cada uma escolhe uma vez, as profs dão uma opção, daí a gente diz que sim ou não.* Percebe-se que os sujeitos pesquisados consideram que as crianças e as professoras compartilham ativamente do processo de construção da documentação. Como podemos notar, ainda no diálogo a seguir entre a pesquisadora e a criança A.

P: Como vocês fizeram isto? (apresentando uma imagem de documentação que continha uma boneca que ficou exposta durante um período na entrada da instituição)

A: a gente inventou.

P: sozinho ou com alguém?

A: com a prof.

Conseqüentemente, observo que esta construção da documentação e a escolha para exposição se consolidam no diálogo e na participação. As autoras Azevedo e Formosinho (2008) em seus estudos, também destacam esta intersecção, como “processo relacional compartilhado”, no qual colaboram na construção os principais autores envolvidos, o educador e a criança. No entanto, o autor Fortunati (2009, p. 76) defende que:

As crianças são precisamente as principais protagonistas de suas experiências e sobre tal pressuposto tem que se articular uma contextualização da ação educacional dos adultos, tanto na vertente de seu planejamento quanto na da observação, da documentação e da verificação de resultados.

Considero que as crianças são as principais protagonistas das suas aprendizagens, mas podemos perceber assim como Azevedo e Oliveira-Formosinho (2008) apontam e as crianças deste estudo expressam, que a documentação pode ser articulada com o diálogo e participação dos envolvidos.

Algumas questões relacionadas com a participação, já foram evidenciadas. Mas a partir da regularidade das falas das crianças, percebe-se ainda, que estas consideram a participação, para além da escolha de composição/exposição, mas concomitante a isso, como possibilidade de envolvimento da família, de apreender o olhar dos pais.

Penso sobre o que Malaguzzi (1999, p. 80) escreve defendendo a sua crença no fluxo da documentação que, “apresenta aos pais uma qualidade de conhecimento que muda tangivelmente suas expectativas”. Possibilitando ainda que, “eles reexaminam suas suposições sobre seus papéis como pais e suas visões sobre as experiências vividas por seus filhos e assumem uma abordagem nova e mais crítica sobre toda a experiência escolar.

Os dados sugerem que as crianças percebem a visão dos pais sobre as suas experiências, quando caracterizam as frequentes falas dos pais, como “*legal*”, “*bonito*”, “*que tava ruim*” ou que estava “*lindo*” ou ainda como a seguinte menina J realçou: “*Bonito ou feio ou mais um poquinho feinho ou um pouquinho bonito*”. E ainda, que esta participação está por vezes condicionada a presença no espaço físico da instituição, como o menino G revela, ao falar sobre a apreciação da sua irmã, “*mas ela não vem muitas vezes aqui*” ou quando a aluna A discorre sobre a quem interessa ver os cartazes que a turma construiu, “*as quem vem buscar a gente*”. Logo percebe-se que quem não está presente no contexto físico não participa. Isso faz muito sentido, se consideramos como possibilidade na educação da primeira infância, assim como Malaguzzi (1999), que “as paredes falam e documentam”. Paredes possuem localização geográfica específica, isso me leva a pensar nas variedades da documentação e como algumas, incluindo esta específica, exigem “deslocamentos” por parte dos envolvidos ou interessados.

Revela-se ainda, a importância de valoração que crianças produzem frente a presença da família na instituição. A presença da família, aparece também em outros locais, como a casa, nos momentos de pesquisa, onde as crianças descrevem diferentes sujeitos que participam como *mãe*, os *pais*. Quanto a isso Fortunati (2009 p. 181) contribui afirmando que “a participação das famílias não é um elemento acessório – mas fundamental – no projeto de um serviço educacional”.

## 5.2 DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: A PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS

Embora não tenha sido relatada a palavra documentação nas falas das crianças, considero a partir das interpretações analíticas - que estão ancoradas em perspectivas teóricas e presentes

também, nas notas de campo - que as crianças descrevem esta prática de variadas formas e com diferentes composições.

A partir da questão, “O que é isto?”, presente na primeira e na segunda intervenção, as crianças apresentam diferentes respostas, como: “*é alguém pintando....*”, ou “*é o F pintando*” ou ainda, “*a gente pintando com rolinho*”, dando nos a ideia de ação, ou ainda as crianças afirmam, “uma caixa”, enfatizando o formato de produto, pois diz respeito a algo material, palpável.

As falas destes meninos e meninas, me levam a pensar a proximidade de interpretação entre os sujeitos infantis, participantes desta pesquisa, e os autores Dalberg, Moss e Pence, sobre a documentação no contexto da primeira infância.

Os autores Dalberg, Moss e Pence (2003) apresentam a documentação como **processo** e como importante **conteúdo** deste processo. Para eles, “A documentação pedagógica como *conteúdo* é o material que registra o que as crianças estão dizendo e fazendo, é o trabalho das crianças e a maneira com que o pedagogo se relaciona com elas e com o seu trabalho” (2003, p. 194). Isto inclui, por exemplo, os portfólios, livro das artes, registros escritos, registros em áudio e vídeo, fotografias, o próprio trabalho das crianças e livro de frutas e verduras. O produto/conteúdo é percebido como “ingrediente importante” pois “torna o trabalho pedagógico concreto” (Dahlberg, Moss e Pence, 2003) sendo visível, audível e até sentido. As crianças demonstraram que percebem como diferentes o processo do conteúdo, e que conteúdo é aquilo que elas veem, tocam, cheiram, sentem.

Como *processo*, para estes autores, a documentação pedagógica representa “um instrumento para a reflexão sobre a prática pedagógica e como um meio para a construção de um relacionamento ético com nós mesmos, com o Outro e com o mundo.” (DALBERG, MOSS e PENCE, 2003, p.190). Como processo a documentação pode facilitar ainda, a comunicação e a reflexão entre os sujeitos envolvidos. Como nos lembra os mesmos autores, “As crianças não passam de modo passivo por sua experiência, mas se tornam agentes ativos em sua socialização e aprendizagem, co-construída junto aos adultos e, igualmente importante, com seus pares” (2003, p.72).

Para Giacopini, coordenadora pedagógica da cidade de Reggio Emília, “A documentação serve muito mais para conhecer esse processo, do que como registro formal. Esse processo de escutar, observar e acompanhar um gesto da criança acontece porque acreditamos que a criança tem muito a dizer” (GIACOPINI, apud MARQUES; ALMEIDA, 2011, p. 416).

Nesta investigação as crianças apresentam com maior frequência a compreensão que Dalberg, Moss e Pence (2003) caracterizam como processo, penso que, elas estão indicando, assim como Giacopini, que consideram como parte central da documentação, o processo em que se constrói conhecimento e a reflexão democrática com os diferentes sujeitos. Considero que este processo pode ocorrer durante todo o percurso, inclusive após, como reflexão sobre o produto organizado.

### 5.3 COISAS NOVAS: A DOCUMENTAÇÃO COMO UM ESPAÇO POTENTE PARA A APRENDIZAGEM

A partir da questão, *o que aprendes com o livro/vídeo?* Observa-se com intensa regularidade que, as crianças perspectivam a documentação como um espaço potente para a aprendizagem. A frase, *coisas novas* expõe de maneira clara e direta as interpretações desta questão, e os quadros a seguir revelam as variadas falas das crianças que estão carregadas de descobertas.

Que faz muito bom lavar as mãos. (criança G)

Logo acima menino G, argumentando sobre o que aprendeu com o cartaz da higiene, que encontrava-se na parede da sala. E no quadro abaixo a menina L, falando sobre a construção em relevo da pitangueira, que também encontrava-se anexada na sala.

Da pitangueira eu descobri que esta fruta é rica em cálcio. E a minha mãe precisa tomar cálcio. (criança L)

As falas sugerem que as crianças sentem-se responsáveis pela própria aprendizagem. Neste sentido, Gandini e Goldhaber (2002), enfatizam a relevância e as possibilidades que a prática de rever a documentação com crianças nos apresentam e ainda, argumentam que, “(...)quando as crianças reveem a documentação, juntas tendem a relembrar os outros das suas ideias, o que lhes dá uma sensação de valor e aceitação” (GANDINI; GOLDHABER, 2002, p, 157).

Isso me remete ainda, a uma situação já citada neste trabalho, em que a professora apresenta o vídeo sobre um momento ocorrido com a turma de construção artístico- plástica. Percebo como importante a experiência de revisar ou revisitar a documentação junto com as crianças, seja na forma de processo ou de conteúdo a fim de possibilitar a aprendizagem e criar processos de reflexão. Lembro ainda, que nesta mesma experiência de revisar com a turma, as crianças revendo suas ações, dialogavam entre si e com as professoras as suas ideias. Como apresenta a cena a seguir:

M. mostrando para J. sua amiga: Olha o que eu sei, eu fiz oh!! o roxo! ...de vermelho e azul.
---

Percebe-se nesta cena, que a criança “toma consciência” do(s) seu(s) caminho(s) de aprendizagem (AZEVEDO, 2008). A criança começa a se perceber de um outro modo, “(...) não olha apenas para o que faz e o modo como faz, olha também para si como um ser em crescimento” (AZEVEDO, 2008, p.122). Para Malaguzzi (1999, p. 80) com relação as crianças o fluxo de documentação, torna-as “ainda mais curiosas, interessadas e confiantes, enquanto contemplam o significado daquilo que conquistaram.”

Revela-se que, as crianças constroem a documentação de forma coletiva, a partir de “coisas novas” , sendo necessário a organização para manter esta memória. As autoras Marques e Almeida expressam que, “o termo documentação diz respeito ao ato de produzir memória sobre o processo de desenvolvimento das crianças, dos educadores e das escolas em seus projetos” (2011, p. 419). No entanto, percebo que os significados atribuídos as aprendizagens se apresentam de forma singular, portanto nesta articulação, entre a memória coletiva e as significações próprias das crianças, que se encontra a documentação como um espaço potente para a aprendizagem.

## 6. CHEGANDO A FRONTEIRA: O QUE LEVO COMIGO?

Não obstante, e ao mesmo tempo, a infância é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio que abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento (LARROSA, 1998, p. 230).

No início da sessão conhecendo outras culturas, afirmei adotar a posição de estrangeira para buscar interpretar “a força da infância, não buscando mais respostas”. Penso que a estrangeiridade está aliada a chegar num lugar desconhecido, seja de pesquisa, ou que envolva conversar, apreender de um outro ponto, de outra perspectiva. Buscando uma visão diferente da que ocupava até então, de professora, mas como pesquisadora, como alguém que deseja encontrar os significados “ditos, expressos, interpretados...” pelas crianças! Encontrar uma forma de pesquisar, elaborar estratégias de pesquisa, foram tarefas desta estrangeira que deseja conhecer, ir além do que os livros informam, do que as pesquisas já disseram. Aliada ainda, a dificuldade de dizer/escrever algo sobre as palavras das crianças.

No entanto, talvez não se possa dizer que eu tenho certeza que esta escrita expressa toda a dimensão que as crianças revelam da documentação no contexto pedagógico. Mas considerando, o contexto de possibilidades que incluiu: o grupo de crianças pesquisadas e o tempo limitado para realização deste estudo, buscou-se aproximação desta “outra palavra, outra cultura” isto é, a cultura das crianças, mas que está articulada e relacionada com as culturas da escola e dos adultos que estão imersos e em interação com elas.

Em uma viagem, na situação de estrangeiros, quando nos distanciamos de um lugar e retornamos após um tempo, geralmente (re) visitamos as coisas, os locais e até as pessoas com diferentes olhares. Percebo isso também na escrita deste trabalho, que a forma como eu o projetei no início, não é mesma que apresento nesta finalização e possivelmente não será o mesmo olhar na leitura daqui um tempo. Observando isso, chego a fronteira.

Considero que, fronteiras nos situam e concomitantemente nos apresentam os limites.

Este estudo buscou marcar a voz dos sujeitos infantis, como uma voz competente, buscando organizar uma metodologia que respeite e afirme esta ideia, portanto foi uma pesquisa trabalhosa. No entanto, este empenho trouxe uma grande riqueza de experiência.

Neste estudo se pode perceber que as crianças que participaram desta pesquisa, revelam a Documentação Pedagógica como um espaço potente para a aprendizagem, mas também como um processo de reflexão, que valoriza a comunicação e envolvimento entre crianças, professores e a família. As crianças consideram, ainda, a presença de diferentes autores na criação, - como a presença delas mesmo, professores e a família- e também a importância serem olhados no seu contexto institucional.

Ainda percebi, que durante diferentes momentos de encontro com o pensamento das crianças sobre a documentação, como ida a campo - nas entrevistas com elas -, na leituras/organização das entrevistas e ainda, na escrita dos eixos emergentes das análises, me encontrei pensando em como a fala das crianças expressam uma cultura de reflexão, diálogo e envolvimento. Isso me leva a pensar na relevância de uma proposta pedagógica que se constrói com as crianças e a partir das crianças.

Portanto levo comigo, que a documentação para ter caráter pedagógico, deve procurar ser construída e praticada com uma concepção de currículo e com uma visão de infância coerentes, onde não se coloquem as certezas e verificações, mas hipóteses e experiências. Incluindo as crianças como protagonistas dos processos vividos, em uma complexidade das relações no contexto de uma escola que se deseja com e para as crianças.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda Lopes. **A fada que tinha ideias**. São Paulo: Ática, 2007.

ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro:LTC, 2006.

AZEVEDO, Ana Maria Lourenço Cerqueira. **Revelando as aprendizagens das crianças: A Documentação Pedagógica**, 2009. Tese de Mestrado – Universidade do Minho. Portugal., 2009.

AZEVEDO, Ana e OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. **A Documentação da aprendizagem: a voz das crianças**. IN: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia (org). A Escola Vista pelas crianças. Portugal: Porto, 2008.

BARACHO, Nayara Vicari de Paiva. **A Documentação na Abordagem de Reggio Emilia para Educação Infantil e suas contribuições para a Prática Pedagógica: um olhar e as possibilidades no contexto brasileiro**, 2012. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira e HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira e FERNANDES, Susana Beatriz. **Uma ferramenta para educar-se e educar de outro modo**. Pátio, Porto Alegre, Ano X, n.30, p. 8-11, Jan/mar. 2012,

BRASIL. BRASIL. MEC/CNE. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. (Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009).

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei Federal n.º 9.394, de 26/12/1996.

\_\_\_\_\_. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI). v. 1. Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI). v. 2. Brasília, 1998.

CARVALHO, Alexandre Filordi de; MULLER, Fernanda. **Ética nas pesquisas com crianças: uma problematização necessária**. In: MULLER, Fernanda (org.). Infância em Perspectiva: Políticas, Pesquisas e Instituições. São Paulo: Cortez, 2010.

CORSARO, William A. **Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e transições iniciais na vida das crianças**. In: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria A. (org.). Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

DALBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **A Qualidade na Educação da Primeira Infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DESLANDES, Suely Ferreira. **O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter e PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. (Tradução Magda França Lopes). Porto Alegre: Artmed, 2003.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam: criança na rua à criança cyber**. Petrópolis: Vozes, 2005.

DORNELLES, Leni Vieira (org.). **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis: Vozes, 2007.

EDWARDS, Carolyn (org). **As cem Linguagens da Criança - a Abordagem Reggio Emilia na Educação da primeira Infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia (org). **A Escola Vista pelas Crianças**. Porto – Portugal: Porto, 2008.

FORTUNATI, Aldo. **A educação Infantil como projeto da comunidade: crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e a família: a experiência de San Miniato**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORTUNATI, Aldo. **A observação como instrumento para conhecer, contar e refletir**. . Pátio, Porto Alegre, Ano X, n.30, p. 4-7, Jan/mar. 2012.

FREINET, Elise. **Nascimento de uma Pedagogia popular – Métodos Freinet**. Lisboa: Editorial Estampa, 1969.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I**. São Paulo: Série Seminários, 1996.

GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn. **Banbini: A abordagem Italiana ‘a Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GANDINI, L.; GOLDHABER, J. **Dois reflexões sobre a Documentação**. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C. (org.). *Bambini: a abordagem italiana à educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Um mapa para iniciar um percurso**. IN: HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e Mudança: projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 15-39.

KOHAN, Walter Omar. **Infância e Filosofia**. IN: SARMENTO, Manuel; GOUVEIA, Maria Cristina S. (org). *Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Revista Brasileira de Educação*. nº. 19 Jan/Fev/Mar/Abr, 2002. p. 20-28. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

LARROSA, J. **O enigma da infância: ou o que vai do possível ao verdadeiro**. In: *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Porto Alegre: Contrabando, 1998. p. 229-246.

LEITE, Maria Isabel. **Espaços de narrativa: onde o eu e o outro marcam encontro**. IN: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008.

MALAGUZZI, L. **História, ideias e filosofia básica**. In: EDWARDS, et al. *As Cem Linguagens da Criança – A abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes. **A Construção de Práticas de Registros e Documentação no Cotidiano do Trabalho Pedagógico da Educação Infantil**, 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes; ALMEIDA, Maria Isabel. **A documentação pedagógica na Educação Infantil: Traçando caminhos, construindo possibilidades**. *Revista de Educação Pública de Cuiabá*. v. 20, nº. 44, p.413-428, set/dez. 2011.

MARQUES, Fernanda Martins. **Concepções de crianças sobre a escola de educação infantil**, 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MENDONÇA, Cristina Nogueira de. **Documentação Pedagógica como Processo de Investigação e Reflexão na Educação Infantil**, 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

RAMOS, Anne Carolina. **Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças**, 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

REDIM, Marita Martins. *Crianças e suas culturas singulares*. In: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria A. (org.). *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. São Paulo: Cortez, 2009.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Visibilidade social e estudo da infância**. In: VASCONCELLOS, Vera M. Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto. *Infância (in) visível*. Araraquara: Junqueira e Marin. 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Sociologia da Infância: correntes e confluências**. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares (org.). *Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SARAIVA, Ester Venâncio. **Relatório de Estágio: Refletindo sobre a Prática Docente**. Porto Alegre, 2011. 58f (texto digitado).

### **FONTES CONSULTADAS**

Site da Faculdade de Educação da UFRGS: < <http://www.ufrgs.br/faced/> >

PLANO DE ENSINO. Disciplina de “Infâncias de 0 a 10 anos”. 2011/1

PLANO DE ENSINO. Disciplina de “Infâncias de 0 a 10 anos”. 2011/2



## PESQUISA PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

### TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A presente pesquisa está vinculada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é produzida para fins de Trabalho de Conclusão de Curso e tem por objetivo explicitar o modo como as crianças interpretam e descrevem a Documentação Pedagógica no contexto de uma instituição pública de Educação Infantil.

Para isso, será realizado, no ambiente escolar, um **levantamento de dados através de entrevistas e atividades com as crianças que se dispuserem a participar deste estudo e cujas famílias autorizarem**. As entrevistas ocorrerão em pequenos grupos, durante o período escolar. **Nestes momentos, serão realizadas gravações de voz**. Os dados e direcionamentos desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes completos dos participantes (crianças) em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito. As crianças também receberão o “Termo de Consentimento Informado da Criança”, que será devidamente esclarecido pela pesquisadora, de modo a compreender seus direitos.

A aluna responsável por esta investigação é Ester da Silva Venâncio Saraiva, com a orientação da Professora Dra. Simone Santos de Albuquerque, da FACED/UFRGS. Qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente o/a participante venha a ter da pesquisa, poderá contatar a aluna através do telefone (51) 84550840 ou do e-mail [ester.venancio@hotmail.com](mailto:ester.venancio@hotmail.com). A Monografia de Conclusão de Curso ficará à disposição para a consulta pública na biblioteca da Faculdade de Educação da UFRGS, sendo uma cópia do trabalho entregue à Creche Francesca Zacaro Faraco.

### AUTORIZAÇÃO

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa que busca evidenciar: “Como as crianças interpretam e descrevem a documentação pedagógica”, concordo que meu filho(a), \_\_\_\_\_, aluno(a) da turma de Jardim A da Creche Francesca Zacaro Faraco/ UFRGS, participe da mesma.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável

Porto Alegre, ..... de Maio de 2012.



## TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DA CRIANÇA

Este papel de nome estranho - “Termo de Consentimento Informado da Criança” - é, na verdade, um papel que explica o que vamos fazer durante esta pesquisa e quais são os teus direitos de participante. A pesquisadora que vai estar com vocês nos encontros é Ester da Silva Venâncio Saraiva com a orientação da professora Dra. Simone Santos de Albuquerque.

Depois de lermos juntos tu poderás escolher e dizer que tu queres participar e ajudar neste trabalho, assinando este papel. Mas não fique preocupado(a), tu também podes mudar de ideia em qualquer momento e desistir de participar das entrevistas e brincadeiras.

### **O que será feito?**

A gente vai se encontrar duas vezes para escutar algumas histórias em grupo e participar de entrevistas. Tu não estarás sozinho. Seremos eu, tu e mais colegas da tua sala.

Nós ficaremos em na sala do Jardim A1(e vocês), ou na Ludoteca. Enquanto estivermos conversando e brincando eu vou gravar e filmar a nossa conversa para depois poder ouvir e ver novamente o que falamos.

- ➔ Durante a entrevista faremos atividades como: contação de histórias, além de conversar e ouvir.
- ➔ Caso tu não queiras fazer alguma das atividades tu podes não fazê-la.
- ➔ Tudo o que a gente fizer nos encontros vai ser guardado por mim de uma forma bem segura.
- ➔ Nas entrevistas não existes respostas certas ou erradas, e as atividades que ti fizeres não serão corrigidas. Não sou eu quem vou te ensinar, mas é tu quem vais me ensinar sobre as coisas que tu sabes sobre aprender na creche e em outros lugares.

Depois de este termo ter sido lido e eu ter entendido o que vai ser feito nesta pesquisa eu,

\_\_\_\_\_ aceito participar.

Porto Alegre, ..... de Junho de 2012.